

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

UMA TOCHA NA ESCURIDÃO

SABAA
TAHIR



VERUS
EDITORA

SABAA TAHIR

UMA
TOCHA NA
ESCURIDÃO

Tradução
Jorge Ritter



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Cleide Salme

Capa

Adaptação da original (© Anthony Elder)

Projeto gráfico e diagramação da versão impressa André S. Tavares da Silva**Título original***A Torch Against the Night*

ISBN: 978-85-7686-595-7

Copyright © Sabaa Tahir, 2016

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

T136t

Tahir, Sabaa

Uma tocha na escuridão [recurso eletrônico] / Sabaa Tahir; tradução Jorge Ritter. - 1. ed. -
Campinas, SP: Verus, 2017. recurso digital (Uma chama entre as cinzas; 2)

Tradução de: A Torch Against the Night

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-595-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção juvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título III. Série.

17-40757 CDD: 028.5

CDU: 087.5

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

*Para minha mãe, meu pai, Mer e Boon
Tudo que sou devo a vocês*

PARTE I
A FUGA

I

LAIA

Como eles nos encontraram tão rápido?

Atrás de mim, as catacumbas ecoam com gritos coléricos e guinchos de metal. Meus olhos dardejам para os crânios com largos sorrisos, alinhados nas paredes. Acho que ouço a voz dos mortos.

Seja veloz, seja ligeira, eles parecem sibilar. A não ser que queira se juntar à nossa tropa.

— Mais rápido, Laia — diz o meu guia. Sua armadura brilha enquanto ele se apressa à minha frente, através das catacumbas. — Nós os despistaremos se formos rápidos. Conheço uma passagem que leva para fora da cidade. Uma vez lá, estaremos seguros.

Ouvimos um rangido atrás de nós, e os olhos claros do meu guia miram rapidamente um ponto sobre meu ombro. Sua mão é uma mancha castanho-dourada enquanto voa para o punho da cimitarra pendurada em suas costas.

Um movimento simples, repleto de ameaça. Um lembrete de que ele não é apenas meu guia. É Elias Veturius, herdeiro de uma das famílias mais tradicionais do Império. É um ex-Máscara — um soldado de elite do Império Marcial. E meu aliado — a única pessoa que pode me ajudar a salvar meu irmão, Darin, de uma famigerada prisão marcial.

Em um passo, Elias está ao meu lado. Em outro, está à minha frente, movendo-se com uma graça pouco natural para alguém tão grande. Juntos, espiamos o túnel pelo qual acabamos de passar. Meu coração lateja em meus ouvidos. Qualquer entusiasmo que eu senti ao destruir a Academia

Blackcliff ou resgatar Elias da execução desaparece. O Império nos caça. Se ele nos pegar, morreremos.

O suor embebe minha camisa. Apesar do calor repulsivo dos túneis, um calafrio percorre minha pele, e os pelos de minha nuca se arrepiam. Acho que ouço um rosnado, como o de alguma criatura faminta, matreira.

Corra, meus instintos gritam comigo. Saia daqui.

— Elias — sussurro, mas ele roça um dedo em meus lábios — *shh* — e desembainha uma faca dentre as seis guardadas de encontro a seu peito.

Tiro um punhal do cinto e tento ouvir além do estalido das tarântulas do túnel e da minha própria respiração. A sensação incômoda de estar sendo observada desaparece, substituída por algo pior: o cheiro de resina de pinheiro e fogo, a elevação e a queda de vozes se aproximando.

Soldados do Império.

Elias toca meu ombro e aponta para seus pés, então para os meus. *Pise onde eu piso.* Tão cuidadosamente que temo respirar, eu o imito enquanto ele se vira e se dirige rapidamente para longe das vozes.

Chegamos a uma bifurcação no túnel e pegamos à direita. Elias anui para um buraco profundo na parede. Tem a altura dos meus ombros e, exceto por um caixão de pedra virado de lado, está vazio. — Entre — ele sussurra —, até o fundo.

Deslizo para dentro da cripta, reprimindo um arrepio com o *crnk* alto de uma tarântula. Levo uma cimitarra forjada por Darin atravessada nas costas, e seu punho tilinta alto contra a pedra. *Pare de se remexer, Laia — não importa o que esteja rastejando por aqui.*

Elias se enfia na cripta atrás de mim, sua altura forçando-o a quase se agachar. No espaço apertado, nossos braços se roçam, e ele inspira bruscamente. Mas, quando ergo o olhar para ele, seu rosto está virado para o túnel.

Mesmo na luz obscura, o cinza de seus olhos e as linhas marcantes de seu queixo são impressionantes. Sinto um choque no fundo do estômago — não estou acostumada com seu rosto. Apenas uma hora atrás, enquanto escapávamos da destruição que provoquei em Blackcliff, seus traços estavam escondidos por uma máscara prateada.

Ele inclina a cabeça, ouvindo, enquanto os soldados se aproximam. Eles caminham rapidamente, suas vozes ecoando nas paredes das catacumbas

como pios entrecortados de aves de rapina.

— ... provavelmente foram na direção sul. Se ele tiver meio cérebro, de qualquer forma.

— Se ele tivesse meio cérebro — diz um segundo soldado —, ele teria passado pela Quarta Eliminatória, e não estaríamos ferrados com um vagabundo Plebeu como imperador.

Os soldados entram em nosso túnel, e um enfia a lamparina na cripta à nossa frente.

— Malditos infernos.

Ele recua rapidamente diante da visão do que quer que esteja escondido lá dentro.

Nossa cripta é a próxima. Meu estômago revira e minha mão treme sobre o punhal.

Ao meu lado, Elias libera outra lâmina da bainha. Seus ombros estão relaxados e suas mãos, tranquilas sobre as facas. Mas, quando vejo seu rosto — cenho franzido, queixo tenso —, sinto um aperto no coração. Ele não quer levar a morte a esses homens.

No entanto, se nos virem, eles alertarão os outros guardas aqui embaixo, e estaremos atolados até o pescoço com soldados do Império. Aperto o antebraço de Elias. Ele escorrega o capuz sobre a cabeça e puxa um lenço preto para esconder o rosto.

O soldado se aproxima com passos pesados. Posso sentir seu cheiro — suor, ferro e terra. O aperto de Elias sobre as facas se retesa. Seu corpo está encolhido como um gato selvagem esperando para atacar. Fecho a mão sobre meu bracelete — um presente de minha mãe. Debaixo de meus dedos, o padrão familiar do bracelete é um bálsamo.

O soldado chega à beira da cripta. Ergue a lamparina...

Subitamente, mais adiante no túnel, ecoa um ruído surdo. Os soldados se viram, empunham suas espadas e correm para investigar. Em segundos, a luz de sua lamparina desaparece e o som de seus passos fica cada vez mais indistinto.

Elias expira o fôlego guardado.

— Vamos lá — ele diz. — Se aquela patrulha estava varrendo a área, haverá mais. Precisamos chegar à passagem de fuga.

Emergimos da cripta, e um tremor reverbera através dos túneis, soltando poeira e lançando ossos e crânios ruidosamente ao chão. Eu tropeço, e Elias segura meu ombro, empurrando-me contra a parede e encostandose completamente ao meu lado. A cripta segue intacta, mas o teto do túnel racha terrivelmente.

— Mas que raios foi isso?

— Pareceu um terremoto. — Elias dá um passo, se afasta da parede e olha para o teto. — Só que em Serra não tem terremotos.

Atravessamos as catacumbas com renovado senso de urgência. A cada passo, espero ouvir outra patrulha e ver tochas ao longe.

Quando Elias para, ele o faz tão subitamente que dou de cara em suas costas largas. Entramos em uma câmara sepulcral circular e de abóbada baixa. Dois túneis se dividem à nossa frente. Tochas tremeluzem em um deles, quase distantes demais para distingui-las. Criptas marcam com buracos as paredes da câmara, cada uma guardada por uma estátua de pedra de um homem em armadura. Debaixo dos capacetes, crânios resplandecem em nossa direção. Estremeço e dou um passo para perto de Elias.

Mas ele não olha para as criptas, para os túneis ou para as tochas distantes.

Ele encara a garotinha no centro da câmara.

Ela usa roupas esfarrapadas e pressiona um ferimento que sangra na lateral do corpo. Seus traços delicados a marcam como uma Erudita, mas, quando tento ver seus olhos, ela baixa a cabeça, o cabelo escuro caindo sobre o rosto. *Pobrezinha*. Lágrimas marcam um caminho por suas faces sujas.

— Por dez infernos, está ficando tumultuado por aqui — resmungo Elias. Ele dá um passo na direção da garota, mostrando as mãos, como se lidasse com um animal assustado. — Você não deveria estar aqui, querida. — Sua voz é suave. — Está sozinha?

Ela solta um chorinho.

— Me ajudem — sussurra.

— Me deixe ver esse corte. Posso enfaixá-lo.

Elias se apoia em um joelho para ficar na altura dela, do mesmo jeito que meu avô fazia com seus pacientes mais novos. Ela se esquiva dele e olha em minha direção.

Dou um passo à frente, meus instintos implorando cuidado. A garota observa.

— Pode me dizer seu nome, pequena? — pergunto.

— Me ajudem — ela repete. Algo a respeito do modo como ela evita meus olhos me dá comichões. Mas ela foi maltratada, provavelmente pelo Império, e agora está diante de um Marcial armado até a raiz dos cabelos. Deve estar aterrorizada.

A garota se afasta ligeiramente, e olho de relance para o túnel iluminado pelas tochas. Tochas significam que estamos em território do Império. É só uma questão de tempo para os soldados aparecerem.

— Elias. — Anuo em direção às tochas. — Não temos tempo. Os soldados...

— Não podemos simplesmente deixá-la.

Sua culpa é clara como o dia. A morte de seus amigos dias atrás na Terceira Eliminatória pesa sobre ele; Elias não quer causar outra. E causará, se deixarmos a garota aqui sozinha para morrer em virtude de seus ferimentos.

— Você tem família na cidade? — Elias pergunta. — Você precisa...

— Prata. — Ela inclina a cabeça. — Eu preciso de prata.

As sobrelanceiras de Elias dão um salto para cima. Não posso culpá-lo. Não é o que eu esperava também.

— Prata? — pergunto. — Nós não...

— Prata. — Ela se desloca de lado como um caranguejo. Acho que vejo o brilho rápido demais de um olho através de seu cabelo caído. *Estranho*. — Moedas. Uma arma. Joias.

Ela olha de relance para o meu pescoço, minhas orelhas, meus punhos. Com esse olhar, ela se entrega.

Encaro as órbitas escuras como piche onde seus olhos deveriam estar e me atrapalho em busca de minha adaga. Mas Elias já está à minha frente, as cimitarras reluzindo em suas mãos.

— Para trás — ele rosna para a garota, todo ele um Máscara.

— Me ajudem. — Ela deixa o cabelo cair sobre o rosto mais uma vez e coloca as mãos atrás das costas, uma caricatura distorcida de uma criança dissimulada. — Me ajudem.

Para meu absoluto asco, seus lábios se contorcem em uma careta que parece obscena em seu rosto de outro modo doce. Ela rosna — o ruído gutural que eu ouvira anteriormente. Era *isso* que eu sentia nos observando. *Essa* é a presença que senti nos túneis.

— Eu sei que você tem prata. — Uma fome raivosa subjaz à voz de garotinha da criatura. — Me dê. Eu *preciso* dela.

— Afaste-se de nós — diz Elias. — Antes que eu arranque sua cabeça.

A garota — ou o que quer que ela seja — ignora Elias e fixa os olhos em mim.

— Você não precisa dela, humaninha. Vou lhe dar algo em troca. Algo maravilhoso. — O que você *é*? — sussurro.

Ela lança os braços à frente, suas mãos reluzindo com uma estranha iridescência. Elias se atira em sua direção, mas ela se esquiva dele e prende os dedos em meu pulso. Eu grito, e meu braço brilha por menos de um segundo antes de ela ser lançada para trás, berrando e segurando a própria mão como se estivesse pegando fogo. Elias me levanta do chão, para onde fui atirada, e lança uma adaga na direção da garota ao mesmo tempo. Ela desvia, ainda gritando.

— Garota traiçoeira! — Ela se afasta como um raio, os olhos fixos em mim, enquanto Elias avança sobre ela novamente. — Dissimulada! Você pergunta o que eu sou, mas o que *você é*?

Elias a ataca, deslizando uma das cimitarras ao longo do pescoço dela. Mas não é rápido o suficiente.

— Assassino! — ela atira em sua direção. — Matador! A morte em pessoa! A ceifadeira ambulante! Se os seus pecados fossem sangue, garoto, você se afogaria em um rio de sua própria criação.

Elias recua, o choque estampado em seus olhos. Uma luz brilha ligeiramente no túnel. Três tochas balançam rapidamente em nossa direção.

— Os soldados estão vindo. — A criatura gira para me encarar. — Vou matá-los para você, garota dos olhos de mel. Rasgar a garganta deles. Já despistei os outros seguindo vocês, lá no túnel. Vou fazer isso de novo. *Se* você me der a sua prata. Ele a quer. Ele vai nos recompensar se a levarmos para ele.

Quem nos céus é ele? Não pergunto, apenas levanto minha adaga em resposta.

— Humana estúpida! — A garota cerra os punhos. — Nós pegaremos de você. Ele encontrará uma maneira. — Ela vira na direção do túnel. — Elias Veturius! — Eu me encolho. Seu grito é tão alto que provavelmente a ouviram em Antium. — Elias Vetu...

Suas palavras morrem à medida que a cimitarra de Elias atravessa seu coração.

— *Efrit, efrit da caverna* — ele diz. O corpo dela desliza e tomba com um ruído surdo e sólido, como um rochedo caindo. — *Gosta do escuro, mas teme a lâmina*. Velha rima. — Ele guarda a cimitarra. — Nunca pensei quão conveniente era até há pouco.

Elias agarra minha mão e disparamos para dentro do túnel escuro. Talvez, por algum milagre, os soldados não tenham ouvido a garota. Talvez eles não tenham nos visto. *Talvez, talvez...* Não temos essa sorte. Ouço um grito e o tropel de botas às nossas costas.

II

ELIAS

Três auxiliares e quatro legionários, quinze metros atrás de nós. Enquanto corro a toda a velocidade, viro a cabeça de um lado para o outro para avaliar o progresso que fazem. Na verdade, são seis auxiliares, cinco legionários e doze metros.

Mais soldados do Império jorrarão nas catacumbas a cada segundo que passa. A essa altura, um corredor levou a mensagem para patrulhas vizinhas, e os tambores disseminarão o alerta por toda Serra: *Elias Veturius visto nos túneis. Todos os esquadrões respondam.* Os soldados não precisam ter certeza de minha identidade; eles nos caçarão de qualquer forma.

Viro bruscamente à esquerda para um túnel secundário e puxo Laia comigo, minha mente adernando de um pensamento a outro. *Despiste-os rapidamente, enquanto pode. Caso contrário...*

Não, sibila o Máscara dentro de mim. Pare e mate-os. Apenas onze deles. É fácil. Você poderia fazer isso de olhos fechados.

Eu devia ter matado o efrít na câmara sepulcral imediatamente. Helene zombaria de mim se soubesse que eu tentara ajudar a criatura em vez de reconhecê-la pelo que era.

Helene. Eu apostaria minhas lâminas que ela está na sala de interrogatório a essa altura. Marcus — ou imperador Marcus, como é chamado agora — ordenou a ela que me executasse. Ela fracassou. Pior, foi minha confidente mais próxima por catorze anos. Nenhum desses pecados

deixará de incorrer em um custo — não agora que Marcus possui poder absoluto.

Ela vai sofrer nas mãos dele. Por minha causa. Ouço o efrim novamente. *Ceifadeira ambulante!*

Memórias da Terceira Eliminatória se chocam em minha mente. Tristas morrendo pela espada de Dex. Demetrius tombando. Leander tombando.

Um grito à frente me faz recuperar os sentidos. *O campo de batalha é o meu templo. O velho mantra de meu avô retorna a mim quando mais preciso dele. A ponta da espada é o meu sacerdote. A dança da morte é a minha reza. O golpe fatal é a minha libertação.*

Ao meu lado, Laia respira ofegante, ficando para trás. Ela está me retardando. *Você poderia deixá-la*, sussurra uma voz insidiosa. *Você iria mais rápido sozinho.* Esmago a voz. Além do fato óbvio de que prometi ajudá-la em troca de minha liberdade, sei que ela fará qualquer coisa para chegar à Prisão Kauf — ao irmão dela —, inclusive tentar ir até lá sozinha.

Caso isso ocorra, ela morrerá.

— Mais rápido, Laia — digo. — Eles estão perto demais.

Ela se lança à frente. Paredes de crânios, ossos, criptas e teias de aranha desaparecem pouco a pouco ao nosso lado. Estamos muito mais ao sul do que deveríamos. Faz muito que passamos o túnel de fuga onde eu escondi provisões suficientes para semanas.

As catacumbas trovejam e tremem, derrubando nós dois no chão. O mau cheiro de fogo e morte passa pela grade de esgoto diretamente acima de nós. Momentos mais tarde, uma explosão rasga o ar. Não me preocupo em considerar o que pode ser. Tudo que importa é que os soldados atrás de nós reduziram seu avanço, tão desconfiados quanto nós dos túneis instáveis. Aproveito a oportunidade para colocar mais uns vinte ou trinta metros entre nós. Entro à direita em um túnel secundário e então recuo para as sombras profundas de uma alcova meio desmoronada.

— Você acha que eles vão nos encontrar? — sussurra Laia.

— Espero que não...

Uma luz brilha da direção para onde estávamos indo, e ouço a batida descompassada de botas. Dois soldados entram no túnel, e suas tochas nos iluminam. Surpresos, param por um segundo, talvez pela presença de Laia ou por minha falta de máscara. Então enxergam minha armadura e minhas

cimitarras, e um deles solta um assobio penetrante para chamar cada soldado que possa ouvi-lo.

Meu corpo assume o comando. Antes que qualquer um dos soldados possa desembainhar as espadas, eu os atravesso, lançando facas que penetram a carne suave da garganta de ambos. Eles caem silenciosamente, suas tochas crepitando sobre o chão úmido da catacumba.

Laia emerge da alcova, com a mão sobre a boca.

— E-Elias...

Eu me atiro de volta para a alcova, puxando-a comigo e soltando as cimitarras da bainha. Tenho quatro facas para lançar ainda. *Não é o suficiente.*

— Vou derrubar o maior número deles que puder — digo. — Fique fora do caminho. Não importa quão ruim a situação possa parecer, não interfira nem tente ajudar.

A última palavra deixa meus lábios enquanto os soldados que estavam nos seguindo aparecem do túnel à nossa esquerda. A cinco metros de distância. Quatro. Em minha mente, as facas já voaram, já encontraram seus alvos. Saio de um salto da alcova e as lanço. Os primeiros quatro legionários são derrubados silenciosamente, um após o outro, tão fácil quanto ceifar trigo. O quinto cai a uma passada de minha cimitarra. O sangue quente borriфа, e sinto a bile subindo. *Não pense. Não se demore. Apenas limpe o caminho.*

Seis auxiliares aparecem atrás dos cinco primeiros. Um salta em minhas costas, e eu o despacho com uma cotovelada no rosto. Um momento mais tarde, outro soldado avança rapidamente em minha direção. Quando leva uma joelhada nos dentes, berra e leva a mão sobre o nariz quebrado e a boca que sangra. *Giro, chute, passo ao lado, golpe.*

Atrás de mim, Laia grita. Um auxiliar a arranca da alcova pelo pescoço e segura uma faca em sua garganta. O olhar malicioso do homem se transforma em um gemido. Laia enfiou uma adaga em suas costelas. Ela a arranca, e ele se afasta, trôpego.

Viro para os últimos três soldados. Eles fogem.

Em segundos, recolho minhas facas. O corpo inteiro de Laia estremece enquanto ela assimila a carnificina à nossa volta: sete mortos. Três feridos, gemendo e tentando se levantar.

Quando ela olha para mim, seus olhos se arregalam, chocados com minhas cimitarras e minha armadura ensanguentadas. A vergonha me inunda, tão forte que minha vontade é sumir no chão. Ela me vê agora, até a verdade desgraçada em meu âmagô. *Assassino! A morte em pessoa!*

— Laia... — começo, mas um gemido baixo desce pelo túnel, e o chão treme. Através das grades do esgoto, ouço gritos, brados e a reverberação ensurdecadora de uma enorme explosão. — Mil infernos...

— É a Resistência erudita — Laia grita sobre o ruído. — Eles estão se revoltando!

Não chego a perguntar como ela ficou sabendo dessa notícia fascinante, pois, no mesmo instante, o prateado revelador brilha no túnel à nossa esquerda.

— Céus, Elias! — A voz de Laia está engasgada, seus olhos, arregalados. Um dos Máscaras que se aproximam é enorme, uns doze anos mais velho do que eu e desconhecido. O outro é uma figura pequena, quase diminuta. A calma em seu rosto mascarado não corresponde à ira fria que emana dela.

Minha mãe. A comandante.

Botas retumbam à nossa direita enquanto apitos chamam mais soldados ainda. *Sem saída.*

O túnel geme mais uma vez.

— Fique atrás de mim — disparo para Laia. Ela não ouve. — Laia, maldição, fique... *uuuf...*

Ela se joga de cabeça em meu estômago, um salto tão desajeitado e inesperado que tropeço para trás, dentro de uma das criptas na parede. Atravesso as teias de aranha espessas sobre a cripta e caio de costas em um caixão de pedra. Laia está com metade do corpo sobre o meu e metade enfiado entre o caixão e a parede da cripta.

A combinação de teias de aranha, cripta e garota quente me deixa atônito, e mal sou capaz de gaguejar:

— Você está malu...

Buum. O teto do túnel onde estávamos havia pouco desaba de uma vez, um ruído surdo trovejante, intensificado pelo estrondo de explosões na cidade. Cubro o corpo de Laia com o meu, os braços em cada lado de sua cabeça para protegê-la da explosão. Mas é a cripta que nos salva. Tossimos com a onda de poeira liberada pelas explosões, e estou absolutamente

consciente de que, se não fosse o raciocínio rápido de Laia, ambos estaríamos mortos.

Os estrondos cessam, e a luz do sol corta através da poeira. Gritos ecoam da cidade. Com cuidado, eu me afasto de Laia, levanto e viro na direção da entrada da cripta, parcialmente bloqueada por pedaços de pedras. Espio o que restou do túnel. Não é muita coisa. O desabamento da caverna é completo — não há um único Máscara à vista.

Saio com dificuldade, carregando Laia sobre os escombros. Poeira e sangue — não o dela, posso afirmar — marcam seu rosto, e ela tateia em busca do cantil. Eu o levo até seus lábios. Após alguns goles, ela se apruma.

— Eu posso... eu posso caminhar.

Rochas obstruem o túnel à nossa esquerda, mas uma mão coberta por uma cota de malha as afasta do caminho. Os olhos cinzentos e o cabelo loiro da comandante brilham através da poeira.

— Vamos lá.

Levanto o colarinho para esconder a tatuagem em formato de diamante de Blackcliff em minha nuca. Escalamos para fora das catacumbas e adentramos as ruas cacofônicas de Serra.

Por dez malditos infernos.

Ninguém parece ter notado o desmoronamento da rua para dentro das criptas — todos estão ocupados demais olhando fixamente para uma coluna de fogo que se ergue no céu azul e quente: a mansão do governador, acesa como uma pira funeral bárbara. Em torno de seus portões enegrecidos e na imensa praça à sua frente, dezenas de soldados marciais travam uma batalha campal com centenas de rebeldes trajando negro — combatentes da Resistência erudita.

— Por aqui! — Eu me afasto obliquamente da mansão do governador, derrubando dois combatentes rebeldes que se aproximam enquanto avanço, e busco chegar à rua seguinte mais adiante. Mas o fogo queima intensamente ali, espalhando-se rapidamente, e os corpos estão por toda parte. Pego a mão de Laia e corro na direção de outra rua lateral, apenas para descobrir que ela está tão brutalizada quanto a primeira.

Acima do retinir das armas, dos gritos e do trovejar das chamas, as torres de tambores de Serra batem freneticamente, demandando tropas de apoio ao Bairro Ilustre, ao Bairro Estrangeiro, ao Bairro das Armas. Outra torre

divulga minha localização próxima à mansão do governador, ordenando que todas as tropas disponíveis se juntem à caçada.

Um pouco adiante da mansão, uma cabeça loiro-clara emerge dos escombros do túnel desmoronado. *Maldição*. Estamos parados próximos do meio da praça, ao lado de uma fonte coberta de cinzas, que exhibe um cavalo empinado. Encosto Laia contra ela e me agacho, procurando desesperadamente uma rota de fuga antes que a comandante ou um dos Marciais nos veja. Mas parece que cada prédio e cada rua em torno da praça estão em chamas.

Procure melhor! A qualquer segundo agora, a comandante mergulhará na briga, usando sua habilidade aterrorizante para abrir caminho através da batalha e nos encontrar.

Olho para trás, para ela, enquanto sacode a poeira da armadura, indiferente ao caos. Sua serenidade arrepia os pelos de minha nuca. Sua academia está destruída, seu filho e inimigo escapou, a cidade está um desastre absoluto. E, no entanto, ela parece extraordinariamente calma com tudo isso.

— Ali! — Laia agarra meu braço e aponta para uma viela escondida atrás da carroça virada de um vendedor. Nós nos agachamos e corremos nessa direção, e eu agradeço aos céus pelo tumulto que impede tanto Eruditos quanto Marciais de nos perceberem.

Em minutos chegamos à viela, e, quando estamos prestes a mergulhar nela, arrisco um olhar para trás — uma única vez, apenas para ter certeza de que ela não nos viu.

Vasculho o caos — um nó de combatentes da Resistência caindo sobre uma dupla de legionários, um Máscara lutando contra dez rebeldes ao mesmo tempo, o entulho do túnel, onde minha mãe está parada. Um velho escravo erudito tentando escapar da confusão comete o erro de cruzar o seu caminho. Ela afunda a cimitarra no coração dele com uma brutalidade casual. Quando arranca a lâmina, não olha para o escravo. Em vez disso, me encara. Como se estivéssemos conectados, como se ela soubesse cada pensamento meu, seu olhar corta através da praça. Ela sorri.

III

LAIA

O sorriso da comandante é um verme pálido e inchado. Embora eu a veja somente por um momento antes que Elias me apresse para longe do derramamento de sangue na praça, eu me sinto incapaz de falar.

Escorrego, minhas botas ainda cobertas de sangue da matança nos túneis. Ao pensar no rosto de Elias depois — o ódio em seus olhos —, estremeço. Eu queria lhe dizer que ele fez o que precisava para nos salvar. Mas não consegui colocar as palavras para fora. Precisei de todas as minhas forças para não vomitar.

Gemidos sofridos fendem o ar — Marciais e Eruditos, adultos e crianças, misturados em um grito cacofônico. Eu mal os ouço, concentrada que estou em evitar os vidros quebrados e os prédios em chamas que desmoronam nas ruas. Olho para trás várias vezes, esperando ver a comandante em nossos calcanhares. Subitamente me sinto como a garota que eu era um mês atrás. A garota que abandonou o irmão à prisão do Império, a garota que se lamuriava e chorava após ser açoitada. A garota que não tinha coragem.

Quando o medo tomar conta de você, use a única coisa mais poderosa e mais indestrutível para combatê-lo: o seu espírito. O seu coração. Ouço as palavras que o ferreiro Spiro Teluman, amigo e mentor de meu irmão, me disse ontem.

Tento transformar o medo em combustível. A comandante não é infalível. Ela pode nem ter me visto, de tão atenta que estava ao filho. Escapei dela uma vez. Escaparei de novo.

A adrenalina invade meu sangue, mas, quando dobramos uma rua para entrar na próxima, tropeço em uma pequena pirâmide de alvenaria e me estatelado sobre o calçamento de pedra escurecido pela fuligem.

Elias me coloca de pé tão facilmente como se eu fosse feita de penas. Ele olha atentamente à frente, para trás, para as janelas e o topo dos prédios próximos, como se também esperasse que sua mãe aparecesse a qualquer segundo.

— Precisamos seguir em frente. — Dou um puxão em sua mão. — Temos de sair da cidade.

— Eu sei. — Elias nos tira de vista, e entramos em um pomar abandonado, limitado por um muro. — Mas não podemos fazer isso se estivermos exaustos. Não vamos perder nada se descansarmos um minuto.

Ele se senta, e eu me ajoelho ao seu lado sem vontade. O ar de Serra parece estranho e contaminado, o toque de madeira chamuscada misturado com algo mais sinistro — sangue, corpos queimados e aço desembainhado.

— Como vamos chegar a Kauf, Elias? — Essa é a pergunta que me incomodava desde o momento em que entramos furtivamente nos túneis, a partir de sua caserna em Blackcliff. Meu irmão se deixou capturar por soldados marciais para que eu tivesse uma chance de escapar. Não o deixarei morrer em vão por seu sacrifício; ele é a única família que ainda tenho neste maldito Império. Se eu não salvá-lo, ninguém o fará. — Vamos nos esconder no campo? Qual é o plano?

Ele me encara firmemente, os olhos cinzentos opacos.

— O túnel de fuga teria nos colocado a oeste da cidade — ele diz. — Nós teríamos ido pelo desfiladeiros nas montanhas na direção norte, roubado uma caravana tribal e passado por comerciantes. Os Marciais não estariam procurando por nós... eles não estariam olhando para o norte. Mas agora... — Ele dá de ombros.

— O que isso quer dizer? Pelo menos temos um plano?

— Sim. Cair fora da cidade. Escapar da comandante. Esse é o único plano que importa.

— E depois?

— Uma coisa de cada vez, Laia. Nós estamos falando da minha mãe.

— Não tenho medo dela — digo, para que ele não pense que sou a mesma ratinha que ele conheceu em Blackcliff semanas atrás. — Não mais.

— Pois deveria — diz Elias secamente.

Os tambores reverberam, uma sucessão rápida de sons de sacudir o esqueleto. Minha cabeça estala com o eco. Elias inclina a cabeça.

— Eles estão repassando as nossas descrições — ele diz. — *Elias Veturius: olhos cinzentos, um metro e noventa e três, noventa e cinco quilos, cabelos pretos. Visto pela última vez nos túneis ao sul de Blackcliff. Armado e perigoso. Viaja com uma erudita: olhos dourados, um metro e setenta, cinquenta e sete quilos, cabelos pretos...* — Ele para. — Você entende agora. Eles estão nos caçando, Laia. *Ela* está nos caçando. Não temos como sair da cidade. O medo é o curso sábio a ser seguido agora. Ele nos manterá vivos.

— As muralhas...

— Pesadamente guardadas por causa da revolta erudita — diz Elias. — Pior agora, sem dúvida. Ela enviará mensagens por toda a cidade dizendo que ainda não ultrapassamos as muralhas. Os portões estarão duplamente fortificados.

— Será que poderíamos... você poderia... abrir caminho lutando? Talvez em um dos portões menores?

— Sim, poderíamos — diz Elias. — Mas isso ocasionaria muitas mortes.

Compreendo por que ele desvia o olhar, embora a parte dura e fria em mim nascida em Blackcliff se pergunte que diferença faz alguns Marciais mortos a mais. Especialmente diante de quantos ele já matou, e especialmente quando penso o que eles farão com os Eruditos assim que a revolução rebelde for inevitavelmente esmagada. Mas a melhor parte em mim se encolhe diante de tamanha insensibilidade.

— Os túneis, então? — digo. — Os soldados não esperam por isso.

— Não sabemos quais desmoronaram, e não faz sentido voltar lá para baixo se formos simplesmente chegar a um beco sem saída. As docas, talvez. Poderíamos atravessar o rio a nado...

— Não sei nadar.

— Me lembre de consertar isso quando tivermos alguns dias. — Ele balança a cabeça. Estamos ficando sem opções. — Poderíamos nos esconder até a revolução passar. Então nos enfiar nos túneis após as explosões pararem. Conheço uma casa segura.

— Não — digo rapidamente. — O Império mandou Darin para Kauf há três semanas. E aquelas fragatas de prisioneiros são rápidas, certo?

Elias anui.

— Eles chegariam a Antium em menos de quinze dias. Dali é uma jornada de dez dias por terra até Kauf, se não enfrentarem tempo ruim. Talvez ele já tenha chegado à prisão.

— Quanto tempo levaremos para chegar lá?

— Temos de ir por terra e evitar sermos reconhecidos — diz Elias. — Três meses, se formos rápidos. Mas apenas se chegarmos à cordilheira Nevenes antes das nevascas de inverno. Se não conseguirmos, só passaremos por ela na primavera.

— Então não podemos perder tempo — digo. — Nem mesmo um dia. — Olho para trás novamente, tentando suprimir um sentimento crescente de pavor. — Ela não nos seguiu.

— É claro que não — diz Elias. — Ela é esperta demais para fazer isso.

Ele contempla as árvores mortas à nossa volta, virando repetidamente uma lâmina na mão.

— Há um armazém abandonado próximo do rio, encostado nas muralhas da cidade — diz finalmente. — Meu avô é dono do prédio... Ele o mostrou para mim anos atrás. Uma porta no pátio dos fundos leva para fora da cidade. Mas não vou lá faz um bom tempo. Talvez nem esteja mais lá.

— A comandante sabe desse prédio?

— Meu avô jamais contaria para ela.

Penso em Izzi, minha colega escrava em Blackcliff, me alertando a respeito da comandante quando cheguei à academia. *Ela sabe de coisas, Izzi dissera. Coisas que não deveria.*

Mas precisamos sair da cidade, e não tenho um plano melhor para oferecer.

Partimos passando rapidamente pelos bairros intocados pela revolução, atravessando furtiva e cuidadosamente as áreas consumidas pela luta e pelo fogo. As horas passam, e a tarde se funde gradualmente à noite. Elias é uma presença calma ao meu lado, aparentemente indiferente diante da visão de tanta destruição.

Estranho pensar que, um mês atrás, meus avós estavam vivos, meu irmão estava livre e eu jamais tinha ouvido o nome Veturius.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma tocha na escuridão (Oficial)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).